

Sábado

23-05-2019

Periodicidade: Semanal**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 116250**Temática:** Banca/Seguros**Dimensão:** 600 cm²**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 8

EDITORIAL

Não é possível analisar o endividamento da banca entre 2005 e 2011 sem fazer a autópsia do poder político e financeiro da época. De Sócrates a Salgado, com Berardo no meio. Como não é possível analisar o estoíro do BPN sem o relacionar com o PSD e Cavaco

**E**

Diretor

Eduardo Dâmaso**E**

Berardo e os risinhos da chantagem

Quando Joe Berardo vai ao parlamento gozar com os deputados e dizer que não tem dívidas, apesar de os bancos lhe exigirem o pagamento de mil milhões de euros pelos empréstimos concedidos, isso não é um episódio apenas caricato. Nem é um problema de ficar ou não com o colar de comendador, essa folclórica metáfora de castigo.

Berardo sabe que pode dizer o que quiser porque o seu seguro de vida está nos segredos, na cumplicidade, no que conhece sobre todos os outros – políticos, banqueiros, empresários – com quem partilhou a estratégia de ataque à Cimpor, à PT e, em particular, ao BCP, que foi o início da maior politização de sempre da banca portuguesa, entre 2005 e 2011. Isso chama-se poder de chantagem sobre alguém que, na verdade, para lá de uma corrupção moral, praticou crimes como a corrupção propriamente dita, o abuso de poder e muitos outros que preenchem o catálogo de crimes económicos. Os seus risinhos são os risinhos da chantagem. A questão é essa: se Berardo abre a boca o regime cai. Mas também cai se Carlos Santos Silva, Zeinal Bava, Henrique Granadeiro, Nuno Vasconcellos, Mário Lino, Paulo Campos e tantos outros abrirem a boca. Já para não falar em Armando Vara ou no próprio Ricardo Salgado. E este é apenas o grupo de ameaças mais recente para a solidez do regime democrático. Noutros ciclos políticos houve outros. Não é André Ventura o maior risco populista, são mesmo os que há muito vampirizam a democracia.

Berardo, tal como outros que foram ao parlamento noutras comissões de inquérito e não se lembravam de nada do que fizeram, disseram, autorizaram ou aceitaram, integram um infernal círculo de poder que mandou na política, na economia, nas finanças e até na cultura, entre 2005 e

2011. Um infernal círculo de poder que não foi inteiramente desfeito apesar do roteiro arqueológico em que está transformado, através das comissões parlamentares e de processos judiciais que investigam – mas demasiado devagar ou sem consequências – o desmantelamento da Portugal Telecom, o ataque à Caixa Geral de Depósitos, a descapitalização da banca, os empréstimos milionários sem garantias, o desmoronamento do grupo GES/BES, as parcerias público-privadas rodoviárias e por aí em diante. Do grupo de protagonistas de todos estes escândalos, Berardo é apenas o mais histriónico mas nem é, sequer, o que tem mais culpas no cartório.

Não é possível analisar o conjunto do endividamento da banca nesses anos de 2005 a 2011, ou os Berardos e Nunos Vasconcellos desta vida, sem fazer uma autópsia do poder político e financeiro da época, de Sócrates a Salgado. Como não é possível analisar o estoíro do BPN sem o relacionar com Cavaco Silva, o cavaquismo e os seus barões. Está tudo ligado. No caso da ruína da banca e da PT, é isso que explica, por exemplo, que a investigação do processo Marquês tenha sido tão extensa e que o caso BES/GES se tenha transformado num labirinto de dezenas de processos. E também não é possível analisar todos estes factos fora do enquadramento que inequivocamente têm em praticamente todos as previsões criminais feitas no dito catálogo de crimes económicos, em particular o de corrupção. O resto é conversa vazia, embora não destituída de objetivos. Quem separa os níveis de responsabilidade e a deixa apenas ao nível de quem concedeu os créditos ruinosos está tão só a defender os seus amigos. Como é habitual em alguns setores do comentário mediático nacional. ■